

MADALENA OLIVEIRA, ALBERTO SÁ & PEDRO PORTELA

madalena.oliveira@ics.uminho.pt / albertosa@ics.uminho.pt / pedroportela@ics.uminho.pt
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho (Portugal)

NOTA INTRODUTÓRIA: ESCUTAR PARA CRER

A diferença entre ouvir e escutar não é um exclusivo da língua portuguesa. Pelo menos as línguas mais próximas na Europa fazem a mesma distinção entre os dois verbos: *oír* e *escuchar*, em castelhano; *ouïr* e *écouter*, em Francês; *sentire* e *ascoltare*, em Italiano; *to hear* e *to listen*, em Inglês; *hören* e *zuhören*, em alemão. E em todos estes idiomas a divergência entre as duas ações radica no mesmo pressuposto: ouvir diz respeito a um ato relativamente involuntário, enquanto escutar supõe prestar atenção, ou, se quisermos, um ato de vontade, uma escolha intencional, até um certo sentido de alerta, como sugere, por exemplo, a expressão estar à escuta. É assim que Barry Truax propõe diferenciar as duas palavras em *Acoustic communication*, ao considerar que escutar envolve “fazer um esforço” e ouvir se traduz por uma ação mais passiva de captação do som (Truax, 2001, p. 18).

Sensível no campo dos estudos de som, a distinção entre *ouvir* e *escutar* também foi explicitada por Roland Barthes, no texto que escreveu, em 1976, para a Enciclopédia Einaudi, a propósito do termo “escuta” (republicado no livro *O óbvio e o obtuso*). Dizia, então, o semiólogo logo na abertura do artigo que “ouvir é um fenómeno fisiológico” e que “escutar é um ato psicológico” (Barthes, 2018, p. 235). Numa análise mais detalhada, as duas palavras também surgem em *Keywords in sound* (Novak & Saka-keny, 2015), associadas aos termos audição (*hearing*) e escuta (*listening*). A propósito da palavra *hearing*, diz Jonathan Sterne que *ouvir* está conotado com “a percepção do som” (Sterne, 2015, p. 65), sendo a audição um sentido imersivo, que nos coloca no interior dos acontecimentos (Sterne, 2015, p. 67). Já Tom Rice, que escreve a propósito da *escuta*, acrescenta que *escutar* é “prestar atenção a algo com um grau de foco” (Rice, 2015, p. 99). Escutar, diz o autor, “envolve a alocação de atenção e consciência” (Rice, 2015, 100).

A reflexão sobre a relevância do som não diminui o ato de ouvir por relação ao ato de escutar. Ela parte, em qualquer dos casos, do pressuposto de que o ambiente acústico é central na vida humana. Num artigo publicado na revista *Interact*, Luís Cláudio Ribeiro lembra que “o nosso quotidiano é, desde o ventre, som”. E a propósito desta origem sonora, explica que “com maior ou menor acuidade constituímos a profundidade do espaço, orientação, distância e dimensão temporal a partir do ‘envelope sonoro’ que acompanha o vivo” (Ribeiro, 2015, §1). A pretexto de uma reflexão sobre o meio rádio, Xosé Ramón Pousa e Hernán Antonio Yaguana assinalam que “desde que amanhece até que anoitece os seres humanos estão expostos a sons”, pelo que “a vida está composta por sons” (Pousa & Yaguana, 2013, p. 13). Para os autores, na verdade, “os efeitos sonoros fazem parte da composição cénica de cada atividade que realizamos” (Pousa & Yaguana, 2013, p. 71).

Embora *ouvir* seja, neste contexto, uma atividade de algum modo inevitável, até porque o ouvido é, em princípio, um sentido permanente, no quadro dos estudos de som têm ganho expressão abordagens especialmente centradas numa pedagogia da escuta. Tendo-se desenvolvido particularmente na última década, com trabalhos que aprofundam o conceito de *paisagem sonora*, que R. Murray Schafer criou em 1977, e que exploram nomeadamente a noção de arte sonora, os estudos de som têm reconhecido a importância de promover uma *escuta ativa*. Ainda que o termo constitua uma redundância, pelo facto de a ação de *escutar* corresponder já a um comportamento ativo, a ideia que funda esta preocupação radica na consciência de que o som tem sido secundarizado como linguagem. *Escutar* parece, assim, a condição necessária para resgatar os conteúdos sonoros desse lugar marginal e negligenciado para que, até há relativamente pouco tempo, o próprio campo de investigação relegava a significação sonora.

Instituído em 2010 pelo World Listening Project, o Dia Mundial da Escuta, que se assinala a 18 de julho, é um evento que procura precisamente promover práticas de escuta. O encontro online “Escutar, sentir e guardar” foi realizado neste contexto, associando-se a um vasto conjunto de iniciativas que, um pouco por todo o mundo, procuraram evocar esta data. O programa desta jornada, organizada pela equipa do projeto “Audire: guardar memórias sonoras”, procurou refletir sobre o desafio de escutar, sobre o que o som dá a conhecer e sobre a relevância da preservação das nossas memórias acústicas. Na ocasião, em julho de 2020, acabávamos de passar por várias semanas de confinamento pela contenção à COVID-19, que proporcionaram também uma nova experiência sonora. Nesse período, o mais radical que haveríamos de viver por ocasião da pandemia, a suspensão de

várias dimensões da vida coletiva trouxe para o primeiro plano da escuta sons que habitualmente se escondem sob o ruído de máquinas, de movimentos, de dispositivos e de uma rotina que não convida à interioridade do ouvido. Por isso, este encontro – que se realizou online em consequência das restrições que ainda prevaleciam no início do verão – não foi indiferente a este novo contexto, marcado em parte por uma experiência de silêncio que, segundo Erling Kagge, “está em vias de extinção” (2016, p. 49).

Com meia centena de participantes, de Portugal, Brasil, Espanha, México e Moçambique, o encontro “Escutar, sentir e guardar” contou, num primeiro momento, com a participação de Pedro Félix, coordenador da equipa instaladora do Arquivo Nacional do Som, Raquel Castro, investigadora do CICANT (Universidade Lusófona de Tecnologias e Humanidades), Rui Dias, compositor, artista multimédia e professor do Instituto Politécnico de Castelo Branco, e Alexandrina Guerreiro, sonoplasta. Em quatro sessões paralelas, o programa incluiu ainda a apresentação de duas dezenas de trabalhos sobre narrativas, rituais, práticas culturais, paisagens, memórias e sensações sonoras. Uma parte destes trabalhos está reunida neste volume. Submetidos a revisão por pares, os textos que se seguem fixam a memória dos debates realizados em sala virtual. Embora agrupados em três secções, estes breves artigos refletem uma diversidade de olhares sobre a relevância da escuta e dos ambientes sonoros, marcada, por outro lado, pela heterogeneidade expressiva das variantes portuguesa e brasileira do Português, a que se juntam dois textos em Castelhana.

No primeiro grupo, juntamos os contributos de Ana Sofia Paiva e Ricardo Morais, que refletem sobre memória, paisagens sonoras e ruído, de Teresa Piñeiro Otero, que explora o contexto sonoro dos videojogos, de Teresa Costa Alves, que convida a pensar o ecossistema sonoro dos bebés, de quem se podem guardar álbuns de sons como complemento dos alguns fotográficos, e de João Almeida, que discute a utilização de conceitos das Ciências Naturais no campo dos estudos de som, comparando a ideia de ecologia sonora à de ecologia ambiental. Na segunda secção, que intitulamos “Expressões sonoras”, oferecemos ao leitor as reflexões de Álvaro Bufarah sobre as mudanças na linguagem do radiojornalismo brasileiro, bem assim como a perspectiva de Rita Curvelo sobre o som do silêncio na rádio. Deste conjunto fazem ainda parte os contributos de Marcos Silva sobre o conceito de visocentrismo e a locução audiodescritiva, de Marise Silva, que propõe uma análise filmica da curta-metragem *Fantasmas*, e de Júlia Batista, que trata, a partir do filme *Feel the sounds of Kenya*, o som como espelho cultural de uma nação. O último grupo de artigos tem um enfoque particular na experiência da pandemia. Ricardo Morais e Ana Sofia Paiva fazem

um mapeamento de projetos de preservação da memória sonora. Por seu lado, Marina Ferreira relata uma experiência desenvolvida na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que convidou à realização de criações sonoras coletivas durante a pandemia. Do México, Graziela Martínez-Matías fixa o modo como se viveu o confinamento e os seus sons. A fechar, Carlos Bonfim pergunta “a quantas anda a nossa escuta?”, abordando possíveis trilhas sonoras para nos “sentirpensarmos.”

Numa cultura tão atraída pela imagem e tão confiante no adágio popular segundo o qual é preciso “ver para crer”, este livro pode ser entendido como uma provocação, ao propor que a escuta também tem um caráter revelador e que o som se pode constituir como gatilho de memória. Mas a provocação nada tem de acidental. É que na escuta está não apenas uma forma de sentir, mas também uma forma de crer.

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (2018). Escuta. In *O óbvio e o obtuso* (pp. 235-248). Lisboa: Edições 70.
- Kagge, E. (2016). *O silêncio na era do ruído*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Novak, D. & Sakakeeny, M. (Eds.) (2015). *Keywords in sound*. Durham: Duke University Press.
- Pousa, X. R. & Yaguana, H. A. (2013). *La radio, un medio en evolución*. Madrid: Editorial Comunicación Social.
- Ribeiro, C. (2015, 26 de abril). As paisagens sonoras e o seu mapeamento: uma cartografia do sentido. *Interact. Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia*. Retirado de <http://interact.com.pt/22/cartografia/>
- Rice, T. (2015). Listening. In D. Novak & M. Sakakeeny (Eds.), *Keywords in sound* (pp. 99-111). Durham: Duke University Press.
- Sterne, J. (2015). Hearing. In D. Novak & M. Sakakeeny (Eds.), *Keywords in sound* (pp. 65-77). Durham: Duke University Press.
- Truax, B. (2001). *Acoustic communication*. Westport: Ablex.

Este texto foi produzido no âmbito do projeto Audire – Áudio Repositório: guardar memórias sonoras, cofinanciado pelo programa Operacional de Competitividade e Internacionalização e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. (PTDC-COM-CSS/32159/2017) e é também apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2020-2023 (que integra a parcela de financiamento base com a referência UIDB/00736/2020).